

## **COMUNICAÇÃO E ATIVISMO SOCIAL NA INTERNET: PERSPECTIVAS PARA ATUAÇÃO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS NAS REDES “ON-LINE”**

**PEDRO GOMES PEREIRA**

*ESTUDANTE DE DIREITO DA PUC/SP E DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA NA FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS*

**CELESTE LEITE DOS SANTOS**

*PROMOTORA DE JUSTIÇA, DOUTORA EM DIREITO PELA USP*

**PEDRO EDUARDO DE CAMARGO ELIAS**

*PROMOTOR DE JUSTIÇA, MESTRANDO PELA PUC/SP E ESPECIALISTA EM DIREITOS DIFUSOS E COLETIVOS PELA ESCOLA SUPERIOR DO MINISTÉRIO PÚBLICO*

**RESUMO.** O presente texto analisa a interrelação da comunicação com as transformações sociais ocorridas. Analisa-se como o ambiente virtual tornou-se espaço de reivindicação de direitos de minorias e na formação da opinião pública.

**PALAVRAS CHAVES:** COMUNICAÇÃO. ATIVISMO SOCIAL. INTERNET

### **COMMUNICATION AND SOCIAL ACTIVISM ON THE INTERNET: PERSPECTIVES FOR THE ACTION OF SOCIAL MOVEMENTS ON "ONLINE" NETWORKS**

**ABSTRACT.** The present text analyzes the interrelation of communication with the social transformations that have occurred. It is analyzed how the virtual environment has become a space for claiming minority rights and forming public opinion.

**KEYWORDS:** COMMUNICATION. SOCIAL ACTIVISM. INTERNET

#### **1. INTRODUÇÃO**

O presente ensaio se destina a analisar o papel da comunicação nas recentes transformações sociais vivenciadas no Brasil e no mundo. Haverá aqui uma análise individual de três textos e como eles se relacionam. A comunicação virtual se tornou um ambiente favorável às lutas sociais com a democratização do acesso à informação, mas sem deixar de manter o *status quo* de desigualdade, com a chamada “exclusão virtual”. A ausência de controle na divulgação de informação contribuiu para revelações políticas outrora controladas, o que resultou em uma formação de opinião pública contra o sistema político, culminando em fenômenos como o Brexit e a eleição de Donald Trump. Por meio desse ensaio entenderemos melhor estes temas abordados.

## **2. ATIVISMO SOCIAL NA INTERNET: PERSPECTIVAS PARA ATUAÇÃO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS NAS REDES *ON-LINE***

O primeiro texto a ser analisado é o “Ativismo social na Internet: perspectivas para atuação dos movimentos sociais nas redes on-line”, de Maurília de Souza Gomes em parceria com Sérgio Augusto Freire de Souza. Neste texto os autores discutem a introdução de tecnologias digitais na sociedade atual, debatendo sobre as táticas de mobilização no meio digital e as possíveis transformações políticas, econômicas e culturais resultantes deste processo.

Na introdução do texto há a apresentação da ideia de que a comunicação popular deve estar vinculada essencialmente com a transformação da sociedade e desenvolvida como meio de libertação, ajudando nas conquistas das demandas das classes populares e para a formação de uma sociedade mais igualitária. Os autores afirmam que a comunicação desempenha um papel essencial nos movimentos sociais, mas não tem sido usada de forma satisfatória pelas organizações.

Com o prosseguimento do debate, há a contextualização da informação para a sociedade contemporânea como um recurso tão estratégico quanto o capital foi para a Sociedade Industrial. Cabe aqui destacar a citação retirada do texto *Sociedade em Rede* (CASTELLS, 1999; 2000), para quem a sociedade em rede é: “Caracterizada pela globalização das atividades econômicas decisivas do ponto de vista estratégico; por sua forma de organização em redes; pela flexibilidade e instabilidade do emprego e a individualização da mão de obra. Por uma cultura de virtualidade real e construída a partir de um sistema de mídia onipresente, interligado e altamente diversificado. E pela transformação das bases materiais da vida – o tempo e o espaço – mediante a criação de um espaço de fluxos e de um tempo intemporal como expressões das atividades e elites dominantes”.

Ao analisar este trecho, Gomes e Souza imputam que a internet foi a tecnologia mais rapidamente absorvida pela sociedade na história da humanidade, mas este avanço não pode ser considerado hegemônico, visto que existe uma exclusão que extrapola os limites do meio digital, transformando-se também em uma exclusão social. O acesso

a essas tecnologias é desigual, fundado nas condições políticas e econômicas dos países. Desta forma, criam-se disparidades de acesso à informação e ao conhecimento chamadas de “breca digital” entre os países industrializados e os países em desenvolvimento. Sendo assim, exige-se cada vez mais o investimento e o desenvolvimento de políticas públicas capazes e permitir a integração digital da população e reduzir as desigualdades. Gomes e Souza citam Castells novamente, que afirma que “A informação é poder. A comunicação é contrapoder”; mostrando a real necessidade de promoção da alfabetização digital para desenvolver habilidades básicas para o uso de aparelhos e para a capacitação de atores sociais para usarem essas ferramentas conforme seus interesses coletivos ou individuais.

Gomes e Souza definem redes sociais *on-line* como “aquelas formadas a partir da interação entre as pessoas no ambiente virtual, independente de suas relações concretas”. Para eles a internet se mostra fundamental para resistência popular por sua capacidade de combinar interatividade midiática com participação social. Há no texto a definição de ciberativismo como uma maneira de indivíduos e grupos usarem a internet para potencializar suas ações políticas nos ambientes midiáticos possibilitados pela Rede.

Os autores ainda citam a definição dada por Ugarte, segundo o qual ciberativismo é “toda estratégia que persegue a mudança da agenda pública, a inclusão de um novo tema na ordem do dia da grande discussão social, mediante a difusão de uma determinada mensagem e sua propagação através do ‘boca a boca’ multiplicado pelos meios de comunicação e publicação eletrônica pessoal”.

Souza e Gomes mostram que uma característica marcante das redes *on-line* é o processo informacional e comunicacional, que acontece de forma horizontalizada e distribuída. Os autores ainda se valem de Recuero para definir os valores fundamentais de apropriação dos sujeitos nas redes sociais *on-line*: visibilidade, reputação, popularidade e autoridade. A visibilidade diz respeito à possibilidade de um sujeito ser visto pelos outros na rede. A reputação se relaciona às impressões dadas e obtidas pelo indivíduo aos demais. A popularidade se refere à audiência e à posição de um sujeito dentro de uma rede, sendo um valor quantitativo. Por fim, a autoridade é referente à influência de um sujeito na rede social e à capacidade de gerar conversações a partir de sua interação. Souza e Gomes mostram que a comunicação constitui um setor tático e

estratégico no campo popular, juntando valores e facilitando a interação e a mediação das organizações sociais com seus diversos públicos. Nessa linha, os autores abordam o movimento social como distinto das demais práticas sociais por serem capazes de criar uma identidade coletiva; partindo então para o conceito de capital social, que se refere aos valores ou poderes gerados e acumulados pelos indivíduos que fazem parte de um grupo. Os autores se valem de Bordieu para analisar o conceito de capital social, que se apresenta em três tipos fundamentais: econômico (relacionado aos fatores de produção), cultural (se refere às capacidades intelectuais) e social (diz respeito ao agregado dos recursos reais ou potenciais recursos constituídos por meio das interações individuais nas redes sociais). Há dois componentes, segundo Bordieu, para o capital social: o pertencimento (vínculo dos sujeitos individuais a determinado grupo) e o conhecimento e reconhecimento mútuo dos indivíduos participantes de tal grupo. Há ainda o capital simbólico, que se refere à incorporação por meio do reconhecimento da posse ou acumulação de recursos. De acordo com Recuero, a utilização das redes sociais *on-line* pelas organizações gera acumulação de capital no ambiente virtual, formando o capital digital, que é o conjunto de valores qualitativos e quantitativos incorporados a um sujeito a partir de sua atuação no ciberespaço. Por fim, os autores se valem dos conceitos de Recuero para concluir que as redes digitais se apresentam como auxiliares do processo comunicativo e como mecanismos capazes de estabelecer um fluxo horizontal para as relações de comunicação.

### **3. A AGONIA DE UM MODELO SOCIAL**

O segundo texto a ser analisado neste ensaio é a entrevista de Helena Celestino, do Valor, a Manuel Castells, com o título “A agonia de um modelo social”. Vale mencionar que Manuel Castells é conhecido como o “profeta das redes” e, segundo ele, a democracia caiu em descrédito e os cidadãos acham que os políticos e os partidos não os representam.

Segundo Castells, vivemos em um momento de crise democrática em todo o globo. Há uma crise de representatividade política, pois os cidadãos deixaram de ter fé no sistema, independentemente de corrupção ou problemas políticos. Ninguém mais

acredita no *establishment*. Para ele não nenhuma perspectiva de saída dessa crise e cabe aos cidadãos de cada país encontrarem as suas saídas.

Para Castells, a crise afeta países ricos e pobres. Há um sentimento de indignação e desesperança que geram distintas expressões políticas segundo países e momentos: podem trazer valores progressistas ou de extrema direita. Há uma gradual destruição de partidos tradicionais e o otimismo dos jovens e da parte da sociedade que buscava mudanças progressistas foi suprimido por movimentos destrutivos e populistas de direita. Para ele, no Brasil não há saída da situação atual pelos instrumentos conhecidos, devendo-se mudar os instrumentos aos moldes da Revolução Francesa, por meio da sociedade. Para ele as manifestações de 2013 e 2015 foram manipuladas por empresas “alt-right” americanas.

O entrevistado trata a autocomunicação como “um anjo e um diabo”, pois nela há uma expressão muito potente da sociedade com muitos poucos controles. Há muita liberdade, mas tomada por custos formados a partir da nossa ausência de civilização. Todo mundo interfere na internet, inclusive com a criação de *fake news* para manipular eleições, mas o entrevistado não é a favor da regulamentação da internet porque a considera impossível.

#### **4. QUILOMBOS VIRTUAIS: AS NOVAS EXPRESSÕES DE RESISTÊNCIA, ATIVISMO E EMPODERAMENTO NEGRO NAS REDES SOCIAIS**

O terceiro texto a ser analisado é o “Quilombos virtuais: as novas expressões de resistência, ativismo e empoderamento negro nas redes sociais”, de Renata Nascimento da Silva. A autora examinou as comunidades virtuais “Ponte para Pretx” e “Intelectuais Negras: escrita de si mesma” localizadas no Facebook, articulando ponderações e reflexões em torno dos processos de empoderamento negro, ativismo e resistência negra, nucleados na ideia de comunidade virtual. O texto narra a existência contemporânea de agrupamentos negros virtuais, agentes de solidariedade, conexão e resistência; demonstrando de que forma as comunidades virtuais fortalecem a cultura negra.

Na introdução a autora traz o conceito de comunidade dado por Raquel Paiva, que é um grupo que convive em “solidariedade, identificação, união, altruísmo e integração”. Silva mostra que antigamente a comunidade precisava ocupar certo espaço

físico para existir, dependendo de instituições e/ou caracterizando-se pelas regras locais, por interesses políticos, culturais e econômicos; todavia, hoje a tecnologia permite alternativas de sociabilidade ao compartilhamento de informação e experiências que extrapolam as barreiras físicas e temporais.

Para Paiva, as características próprias à comunidade são: solidariedade, identificação, união, altruísmos e integração. As duas comunidades analisadas no artigo de Silva têm em comum a finalidade de atender o coletivo negro, podendo ser vistas como espaços de interação político-econômico-cultural e de luta contra a cultura hegemônica.

A autora caracteriza o refúgio de escravos conhecido por Palmares como uma rede social clandestina que visava ajudar os escravos fugitivos oferecendo-lhes moradia, alimento, roupas, proteção e exercício de sua cultura. Para Silva, Palmares foi a primeira rede social do negro em território brasileiro, permitindo aos seus membros associarem-se para vencer o sistema escravocrata e experimentarem seus sonhos de liberdade. Apesar de viverem em uma área geográfica de difícil acesso, havia comunicação entre acampamentos e aldeias, pois os escravos fugidos contavam com a rede de contatos clandestina que os abastecia e consolidava Palmares.

A autora afirma que as comunidades virtuais do século XXI, formuladas pelos coletivos negros e presentes nas redes sociais, constituem-se como quilombos virtuais, cujo objetivo é fortalecer a ideia de autonomia (empoderamento) e identidade, tornando-se espaços de fortalecimento e resgate das diversas culturas negras espalhadas pelo país.

Silva aponta uma citação de Lemos que explica que para Maffesoli “As comunidades virtuais eletrônicas são agregações em torno de interesses comuns, independentes de fronteiras ou demarcações territórios fixas”. Desta forma, a noção de território diferencia as comunidades virtuais das tradicionais; e a união a partir de um interesse em comum é o ponto de convergência entre ambas. Silva mostra que Rheingold aponta as comunidades virtuais como agregados surgidos da Internet; e cita Moraes ao falar que, nas redes sociais “a vida social, as mentalidades, os valores e os processos culturais parecem definitivamente vinculados a telas, monitores e ambientes virtuais”. O texto prossegue com o entendimento de que o ativismo não é algo novo nem pertencente à geração do início do século XXI; sendo que antigamente os

movimentos concentravam-se na resistência, nas reações populares e nas lutas referentes às áreas rurais, à ocupação de espaços. Com a globalização outras questões referentes a causas minoritárias passaram a pautar os movimentos sociais. Há o entendimento de Domingues de que o coletivo negro “africanizou-se”, promovendo a identidade étnica do negro com discursos que remetem à indumentária, à culinária e à beleza africana. O coletivo busca unir o resgate da cultura negra à valorização do corpo dos sujeitos, por meio de campanhas sociais que promovem slogans como “Meu cabelo não pediu sua opinião” e “Se a coisa tá preta, a coisa tá boa”. Empoderamento, segundo Djamila Ribeiro, não é individual, possuindo um significado coletivo para empoderar a si e aos outros. Para o Movimento Negro, empoderamento representa a construção de um projeto, seja ele individual ou coletivo. Sendo assim, empoderar vem a ser a formulação de uma consciência crítica e livre. A comunidade “Ponte para Pretxs” é fechada, conectando negros de todas as partes do Brasil e do Mundo, com o objetivo de auxiliar negros a conquistarem espaço no mercado de trabalho. A comunidade nasceu de um Trabalho de Conclusão de Curso e promove diversos temas ligados ao empreendedorismo. Para Mbembe, o sujeito do mercado precisa apoiar-se na memória artificial e digital, nas comunidades e nas conexões para inserir-se no mundo global e reencontrar a verdade sobre si mesmo, tornando-se seu próprio empreendedor. Essa comunidade é um espaço de trocas reais e simbólicas, voltado exclusivamente para pessoas afrodescendentes, com o intuito de formular estratégias de resistência permitindo o empreendedorismo negro. Já a comunidade “Intelectuais Negras” é aberta e tem como objetivo reconhecer mulheres negras como intelectuais e produtoras de conhecimentos em seus espaços de atuação. O coletivo incentiva a produção de conhecimento de escritoras negras, o fortalecimento da rede feminista negra, a troca de experiência e o resgate de memórias ancestrais. As principais questões debatidas são: a questão do silenciamento e do esquecimento; o processo de descolonização do pensamento europeu; compartilhamento de afetos; a constituição de uma identidade relacionada à força de resistência, ao orgulho de si, à história da luta e da beleza; temas estes que permitem o abandono dos estereótipos eurocêtricos; a valorização das tradições, por meio da escrita e da leitura de outras mulheres. Segundo Muniz Sodré o poder de transformação é o que impulsiona uma minoria. A comunidade possui

encontros em ambientes físicos, fazendo o coletivo extrapolar o mundo online e operar dentro do espaço acadêmico.

A autora conclui o texto afirmando que o Quilombo de Palmares representa a força do coletivo negro, sua resistência, sua capacidade de empreender, de lutar pela preservação da cultura e de construir uma estratégia de luta. Houve a reinvenção das comunidades negras em decorrência dos avanços sociais e políticos e a Internet “redesenhou” uma série de mudanças na forma do engajamento político dos sujeitos e ampliou a noção de espaço público.

## **5. ANÁLISE COMPARADA**

Podemos observar da leitura dos textos que as comunidades negras a que se refere o texto de Renata Nascimento da Silva constituem modelos de ciberativismo conceitualizado por Gomes e Souza a partir da definição de Ugarte. A formação destas comunidades envolve forte capital social, partindo do sentimento de pertencimento de seus membros àquelas comunidades e do conhecimento e reconhecimento mútuo dos indivíduos participantes de tais grupos; formando assim um capital digital que confere notoriedade às comunidades. É o contrapoder da comunicação definido por Castells que movimenta a atuação destas comunidades. Esses dois coletivos partem de pressupostos de autocomunicação que, como vimos na entrevista de Castells, formam expressões muito potentes da sociedade com muitos poucos controles. Sendo assim, há uma ampla liberdade de atuação para tais grupos, tendo poucos mecanismos de controle, estimulando sua ampliação. A descrença no sistema político tradicional fomenta a movimentação por transformações a partir de atuações sem vínculo com o governo, fortalecendo temas como empreendedorismo e formação intelectual. Por fim, conclui-se que a descrença no sistema político tradicional movimenta ainda mais a comunicação virtual, dando espaço ao fortalecimento de grupos da sociedade na luta por seus direitos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOZA, Eduardo Fernando Uliana Barboza. **A Utilização Das Redes Sociais Pela Assessoria de Comunicação da Universidade do Estado de Minas Gerais, Campus Frutal.** Disponível em: <https://www.academia.edu/RegisterToDownload#RelatedPapers>. Acesso em 31.03.2019.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede.** São Paulo: Editora Paz & Terra, 2009.

GOMES *et* SOUZA. **A agonia de um modelo social.** Entrevista do Valor com Manuel Castells. 15/12/2017

SILVA, Renata da. Quilombos virtuais: as novas expressões de resistência, ativismo e empoderamento negro nas redes sociais. 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Joinville - SC – 2 a 8/09/2018

SOUZA, Joyce *et al* (Compiladora). **A Sociedade de Controle: Manipulação e Modulação Nas Redes Digitais.** s/ed, 2019.